



A Santa Sé

CONCLUSÃO DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

SANTA MISSA

CAPELA PAPAL

HOMÍLIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica de São Pedro

XXX Domingo do Tempo Comum, 27 de outubro de 2024

[Multimídia]

O Evangelho apresenta-nos Bartimeu, um cego que é obrigado a mendigar à beira do caminho, um rejeitado sem esperança que, no entanto, quando ouve Jesus passar, começa a gritar-Lhe. Só lhe resta isto: gritar a própria dor e levar a Jesus o seu desejo de recuperar a vista. E enquanto todos o repreendem por se sentirem incomodados com a sua voz, Jesus pára. Porque Deus escuta sempre o grito dos pobres e nenhum grito de dor passa despercebido diante d'Ele.

Hoje, no final da Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, trazendo no coração tanta gratidão por aquilo que pudemos partilhar, detenhamo-nos no que acontece a este homem: inicialmente, «estava sentado à beira do caminho» (Mc 10, 46) a pedir esmola, enquanto que no final, depois de ter sido chamado e de ter recuperado a vista, «seguir Jesus pelo caminho» (v. 52).

A primeira coisa que o Evangelho nos diz sobre Bartimeu é esta: está *sentado a mendigar*. A sua postura é típica de uma pessoa fechada na sua própria dor, sentada à beira do caminho, como se não houvesse mais nada a fazer senão receber alguma coisa dos muitos peregrinos que, na Páscoa, passavam pela cidade de Jericó. Mas, como sabemos, para viver verdadeiramente não se pode permanecer sentado: viver é estar sempre em movimento, meter-se a caminho, sonhar, projetar, abrir-se ao futuro. Por conseguinte, o cego Bartimeu representa também essa cegueira

interior que nos bloqueia, nos faz permanecer sentados, nos imobiliza à margem da vida, sem esperança.

E isso pode levar-nos a refletir não só sobre a nossa vida pessoal, mas também sobre o nosso ser Igreja do Senhor. Ao longo do caminho, muitas coisas podem deixar-nos cegos, incapazes de reconhecer a presença do Senhor, impreparados para enfrentar os desafios da realidade, inaptos por vezes para saber responder às muitas perguntas que com brados nos dirigem, como Bartimeu faz com Jesus. Todavia, perante as interrogações dos homens e mulheres de hoje, os desafios do nosso tempo, as urgências da evangelização e as muitas feridas que afligem a humanidade, irmãos e irmãs, não podemos ficar sentados. Uma Igreja sentada, que quase sem se aperceber se afasta da vida e se confina a si mesma à margem da realidade, é uma Igreja que corre o risco de continuar na cegueira e de se acomodar no seu próprio desconforto. E se permanecemos sentados na nossa cegueira, continuaremos a não ver as nossas urgências pastorais e os muitos problemas do mundo em que vivemos. Por favor, peçamos ao Senhor, que nos dê o Espírito Santo, para que não permaneçamos sentados na nossa cegueira; cegueira que pode ser chamada mundanidade, que pode ser chamada comodidade, que pode ser chamada “coração fechado”. Não permaneçamos sentados nas nossas cegueiras!

Mas, recordemos isto: o Senhor passa, o Senhor passa todos os dias, o Senhor passa sempre e detém-se para cuidar da nossa cegueira. E eu? Sinto-O passar? Tenho a capacidade de sentir os passos do Senhor? Tenho a capacidade de discernir quando o Senhor passa? E é bonito que o Sínodo nos impulse a ser Igreja como Bartimeu: a comunidade dos discípulos que, ouvindo passar o Senhor, sente a emoção da salvação, deixa-se despertar pela força do Evangelho e começa a gritar-Lhe. E fá-lo acolhendo o grito de todas as mulheres e de todos os homens da terra: o grito dos que querem descobrir a alegria do Evangelho e dos que, pelo contrário, se afastaram; o grito silencioso dos indiferentes; o grito dos que sofrem, dos pobres e dos marginalizados, das crianças escravizadas pelo trabalho infantil em tantas partes do mundo; a voz quebrada – ouvir a voz quebrada! – dos que já nem sequer têm força para gritar a Deus, porque não têm voz ou porque se resignaram. Não precisamos duma Igreja sentada e desistente, mas duma Igreja que acolhe o grito do mundo e – quero dizê-lo e talvez alguém se escandalize – uma Igreja que suja as mãos para servir o Senhor.

E assim chegamos ao segundo aspeto: se inicialmente Bartimeu estava sentado, no final, em vez disso, vemos que *O segue pelo caminho*. É uma expressão típica do Evangelho e significa: tornou-se seu discípulo, seguiu-O. Com efeito, depois de Lhe ter gritado, Jesus pára e manda-o chamar. Bartimeu, que estava sentado, levantou-se de um salto e, logo a seguir, recuperou a vista. Agora, pode ver o Senhor, pode reconhecer a ação de Deus na própria vida e, finalmente, pode caminhar atrás d’Ele. Assim também nós, irmãos e irmãs: quando estivermos sentados e acomodados, quando mesmo como Igreja não encontrarmos a força, a coragem, a audácia e a ousadia necessárias para nos levantarmos e retomarmos o caminho, por favor, lembremo-nos sempre de voltar ao Senhor, de voltar ao seu Evangelho. Retornar ao Senhor e ao Evangelho!

Quando Ele passa, devemos escutar, sempre de novo, o seu chamamento, que nos põe de pé e nos faz sair da cegueira. E depois segui-Lo novamente, caminhar com Ele pelo caminho.

Gostaria de repetir: o Evangelho diz de Bartimeu que «seguiu Jesus pelo caminho». Esta é uma imagem da Igreja sinodal: o Senhor chama-nos, levanta-nos quando estamos sentados ou caídos, faz-nos recuperar uma nova visão, para que, à luz do Evangelho, possamos ver as inquietações e os sofrimentos do mundo; e assim, reerguidos pelo Senhor, experimentamos a alegria de O seguir pelo caminho. Segue-se o Senhor pelo caminho, não O seguimos fechados nas nossas comodidades, não O seguimos nos labirintos das nossas ideias: seguimo-Lo pelo caminho. E lembremo-nos sempre disto: não caminhar por conta própria ou segundo os critérios do mundo, mas caminhar juntos, pelo caminho, atrás d'Ele e caminhando com Ele.

Irmãos e irmãs: não uma Igreja sentada, mas uma Igreja em pé. Não uma Igreja muda, mas uma Igreja que acolhe o grito da humanidade. Não uma Igreja cega, mas uma Igreja iluminada por Cristo, que leva aos outros a luz do Evangelho. Não uma Igreja estática, mas uma Igreja missionária, que caminha com o Senhor pelas estradas do mundo.

E hoje, enquanto damos graças ao Senhor pelo caminho percorrido em conjunto, poderemos ver e venerar a relíquia da antiga Cátedra de São Pedro, cuidadosamente restaurada. Contemplando-a com a admiração da fé, recordemos que esta é a Cátedra do amor, é a Cátedra da unidade, é a Cátedra da misericórdia, segundo o preceito que Jesus deu ao Apóstolo Pedro de não exercer domínio sobre os outros, mas de os servir na caridade. E admirando o majestoso baldaquino de Bernini, mais resplandecente do que nunca, redescobrimos que ele enquadra o verdadeiro ponto focal de toda a Basílica, isto é, a glória do Espírito Santo. Esta é a Igreja sinodal: uma comunidade cujo primado está no dom do Espírito, que nos torna irmãos em Cristo e nos eleva até Ele.

Irmãs e irmãos, sigamos, então, com confiança o nosso caminho em conjunto. Como a Bartimeu, também hoje, a Palavra de Deus nos repete: «Coragem, levanta-te que Ele chama-te». Sinto-me chamado? Esta é a pergunta que devemos fazer-nos? Sinto-me fraco e não consigo levantar-me? Peço ajuda? Por favor, deixemos de lado o manto da resignação e confiemos ao Senhor a nossa cegueira. Coloquemo-nos de pé e levemos a alegria do Evangelho; levemo-la pelos caminhos do mundo.